

A ANTIGÜIDADE E O MEDIEVO A SERVIÇO DO TOTALITARISMO: O CASO DOS ESTADOS CONTEMPORÂNEOS (1926-1945)

Eduardo da Silva GOMES*

Herson César da Araújo OLIVEIRA**

Resumo:

O presente trabalho tem como proposta discutir o uso do passado Antigo e Medieval como forma de representar e afirmar as ideologias dos Estados totalitários no mundo contemporâneo (1926-1945). Nossa reflexão parte da premissa do importante papel do passado como estratégia de afirmar identidades e ideologias no momento que se percebe que os estudos acerca da Antiguidade e do Medievo têm uma grande força diante das representações coletivas, sendo o saber sobre o passado, sua escrita e suas leituras, poderes que geram poderes. Assim do ponto de vista temático, estamos fazendo um estudo a respeito das apropriações do passado mitológico e glorioso pelos principais governos totalitários europeus do século XX, nesse caso o Fascismo na Itália, o Nazismo na Alemanha e o Governo de Vichy na França, que lançando mão do seu passado tentaram justificar suas ideologias. Em nossa pesquisa o uso de imagens do período em questão e de autores que trabalham com essa temática foram de grande contribuição.

Palavras-chaves: Mundo Antigo e Medieval – Estado Totalitário – Contemporaneidade.

Introdução

Nosso trabalho é um estudo acerca das inter-relações entre o mundo Antigo e Medieval na contemporaneidade, principalmente no que diz respeito aos mitos e identidades nacionais. Recentes pesquisas apontam para o interesse dos historiadores por esse objeto de pesquisa, no Brasil sobre tudo, temos autores que são referenciais (SILVA 2005; HERING 2006; entre outros) contribuindo para desenvolvimento de uma História que problematiza e aponta os usos do passado no presente.

Assim concordamos com Glaydson José da Silva quando afirma,

(...) As narrativas sobre o presente, que tiveram como escopo o mundo antigo, evidenciaram e evidenciam um caráter marcadamente discursivo a respeito da Antiguidade, que por vezes foi inventada para

* Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

** Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

atender aos interesses daqueles que reivindicavam uma certa herança antiga, os seus beneficiários.

(...) Essa tradição de apropriação do passado nacional, que assume grandes dimensões no XIX, ainda fará ecos na Europa do XX, principalmente no contexto das duas grandes guerras; a memória, aí, figurará no sentido mesmo de uma criação, uma reconstrução engajada do passado. Chamadas a se pronunciarem, ora para legitimarem ascendências étnicas gloriosas ou para conferirem direitos territoriais assentados na ancestralidade de ocupação dos espaços, a História Antiga e Arqueologia tiveram a esse respeito um papel definidor em diversos países europeus, principalmente em seus governos totalitários.

(2005: 30; 47)

Devemos declarar que o uso que fazemos dos adjetivos Antigo e Medieval não são nada precisos, no entanto, são indispensáveis ao trabalho do historiador, no sentido de situar os marcos cronológicos, pois as inter-relações que vamos apontar datam ou fazem referência de períodos, que os nós historiadores, convenciamos chamar Antiguidade e Medieval. Nesse sentido, não é raro que o passado Antigo e Medieval tenha sido percebido como objeto a serviço da lógica justificadora e legitimadora de ideologias, onde se puderam ver, ao longo do século XX, ligações com questões identitárias nacionais, autoritárias, militares e racistas (SILVA, 2005: 30).

De diferentes modos e com inúmeras interpretações, o passado, seja ele Antigo ou Medieval, esteve presente na construção de identidades nacionais, na legitimação de regimes autoritários e totalitários em diferentes países. Em nosso trabalho nos deteremos ao estudo de três nações europeias: Alemanha, Itália e França no recorte temporal de 1926 e 1945, recorte esse que coincide com ascensão do Fascismo na Itália e fim da Segunda Guerra Mundial, bem como a extinção dos Estados totalitários. Sabe-se que essas nações em estudo fizeram amplo uso de elaborações identitárias de certa herança antiga e mitológica como forma de justificar suas ideologias e seus beneficiários. O apelo ao passado mitológico da nação é um traço forte desses Estados da primeira metade do século XX, pois o mito tem uma carga ideológica muito forte, capaz de mobilizar as lembranças coletivas, é partir dos mitos que é possível forjar as ideologias.

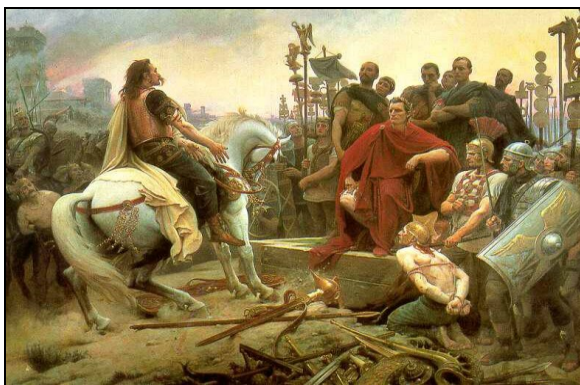
A França de Vichy

Nos deteremos a estudar em nosso trabalho a França de 1940 a 1944, sob regime do Marechal Philippe Pétain, conhecido como Governo de Vichy. Após a ocupação nazista em junho de 1940, o governo francês opta pelo armistício com a Alemanha, criando-se o Estado fantoche de Vichy com plenos poderes outorgados a Pétain. A

partir desse momento, tem-se a necessidade de justificar a colaboração francesa com os nazistas, bem como a ideologia difundida e o estado de terror instituído no país.

Como justificar a aliança dos governantes franceses de Vichy com seus históricos rivais alemães? A saída foi impor uma releitura das “origens” do povo francês para atender aos interesses autoritários. “*O projeto ideológico de Vichy consiste em uma retomada, em sua essência, de um conjunto de valores folclóricos e mitológicos já idealizados pelos próprios franceses anteriormente*” (...) (SILVA, 2005:116). Nesse sentido, os vestígios do passado gaulês e germânico foram usados como objetos ideológicos para reafirmarem um passado em comum com os alemães, além de atender legitimação para com o presente que os evocava (SILVA, 2005: 115). Esse revisionismo histórico da grande ênfase na leitura sobre a Gália e os gauleses.

Além da exaltação do passado gaulês, ao qual descendem diretamente todos os franceses, outra figura fundamental no imaginário do Governo de Vichy será a imagem de *Vercingetórix*, bravo guerreiro que liderou a resistência das tribos gaulesas contra investidas do imperador Romano Júlio César e suas legiões na Gália (57-52 a.C.) Esse personagem há muito tempo está presente na memória dos franceses, o governo colaboracionista apenas se apropriou da imagem do guerreiro, dando-lhe um viés político. Em nome da unidade e estabilidade de todos os gauleses, Vercingetórix se entrega às forças romanas, sacrificando-se pela pátria e pondo fim às hostilidades entre ambos, esse heroísmo será consagrado pelos pensadores de Vichy como exemplo de dedicação à nação francesa.



I.

Figura I: Vercingetórix rende-se a César. (Óleo em tela de Léon-Noël Royer, 1899, Musée du Puy)¹

A França de Vichy também fez uma releitura da conquista da Gália, nesse revisionismo os gauleses não teriam sido “vencidos” pelos romanos, mas teriam tido benefícios com anexação do território da Gália ao Romano, pois da fusão desses dois

¹ Imagem encontrada em <http://fr.wikipedia.org/wiki/Vercing%C3%A9torix>, acesso em 08/07/2008 às 18:32 hs.

povos teriam surgido os franceses (SILVA, 2005: 115). Mais uma vez é claro o desejo de justificar a colaboração de Vichy com as forças de Eixo, o discurso tenta incutir um passado em comum entre Germanos (alemães), Romanos (italianos) e Gauleses (franceses). No campo político-administrativo o esforço será voltado construí-se o culto ao líder, nesse caso, o culto à pessoa de Pétain.

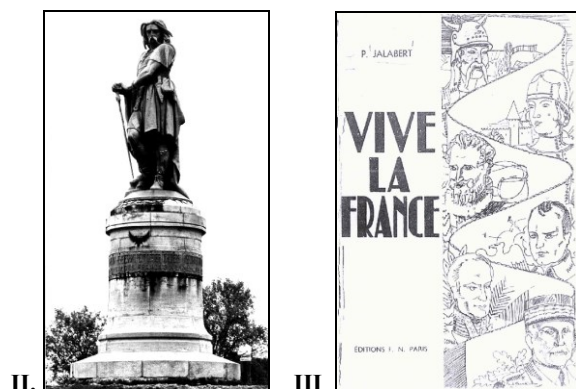


Figura II: Monumento em homenagem a ao herói gaulês Vercingetórix. Figura III: culto a imagem de Pétain, os principais heróis franceses estão representados no cartaz da época: de cima pra baixo (Vercingetórix, Joana D'Arc, Napoleão Bonaparte e Pétain).²

Esta singular maneira de relaciona-se com o passado traz em si uma direta ligação com o presente da França sob Vichy, uma vez que permite associar, o passado dos gauleses e romanos ao momento histórico vivido por franceses e alemães. Na educação os manuais escolares vão ser todos revistos, o ensino de História deve nutrir agora o sentimento nacional, de acordo com os princípios impostos pelas autoridades, é nesse momento que se insere a leitura da Gália e dos gauleses sob o Regime (SILVA, 2005: 115; 118).

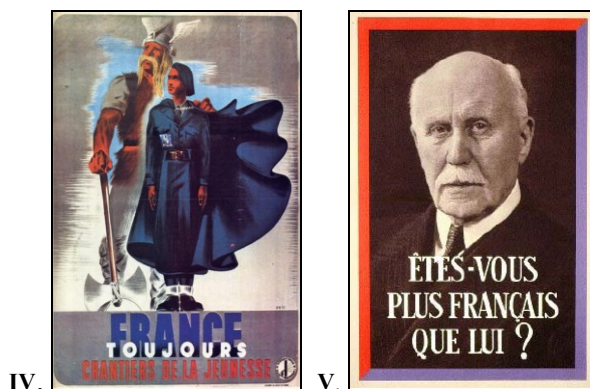


Figura IV: Figura do guerreiro gaulês associado à juventude francesa, “France Toujours Chantiers de la Jeunesse” (França sempre obra da juventude) Cartaz de Eric (1940-1944). Figura V: cartaz de culto a personalidade de Pétain, 1940. “Êtes-vous plus français que lui?”(Você é mais francês que ele?)

² Imagens encontradas em: Silva, Glaydson José da. *Antigüidade, Arqueologia e a França de Vichy : usos do passado* / Glaydson José da Silva. Unicamp (tese de doutorado) - Campinas, SP: 2005. (ANEXOS)

O caso da Itália Fascista

A Itália conheceu muito bem o uso do passado Antigo a serviço do totalitarismo, “(...) a Itália talvez seja aquela em que o uso da Antigüidade a serviço dos governos autoritários tenha atingido seu ponto máximo” (SILVA, 2005: 48). Com a unificação de todos os reinos italianos (1859-1870), Roma torna-se novamente o centro político país, e com ascensão de Benito Mussolini e do Fascismo, o discurso em torno da capital evocava a continuidade do glorioso império Romano, do qual o Mussolini seria a partir daquele momento o novo líder da Itália, descendente direto dos antigos Césares.

O fascismo será pioneiro do discurso do primado do Estado sobre o indivíduo, da unidade territorial e a totalirização política, econômica, social e principalmente intelectual, pois, a “verdade” monopolizada pelo Estado, mobiliza a propaganda, arregimentado e controlando as massas (CARVALHO, 2006: 07), segundo Mussolini

Não é a Nação que cria o Estado, como sucedia na velha concepção naturalista que servia de alicerce aos estudos dos publicistas dos Estados Nacionais do século XIX. Pelo contrário, a Nação é criada pelo Estado, o qual dá ao povo, consciente da sua própria unidade moral, uma vontade e, por conseguinte, uma existência efectiva

(MUSSOLINI apud CARVALHO, 2007: 07-08).

É em Roma que surge o modelo dos grandes comícios, da mobilização das massas, da espetacularização da política e do culto à pessoa do *Duce*, como o novo César do povo italiano. As paradas militares, os uniformes, os estandartes aos moldes das legiões têm como objetivo ressuscitar os tempos da Roma imperial, muito do simbolismo utilizado no nazismo foi inspirado a partir do fascismo italiano, como exemplo o uso de comícios em massa e a saudação romana com mão reta.

Nesse sentido, o discurso retórico em torno da superioridade latina irá se centrar na continuidade da grandiosidade da antiga Roma imperial, e em uma exaustiva apelação ao mito da romanidade. Na releitura do passado Romano será centrada em torno do uso da *Fasces*, que foi eleita como símbolo maior de todo o Estado fascista. *Fasces* em latim significa “molho”, síntese do poder, da competência e da união, constituía-se de um molho de varas de madeira amarradas por um fita vermelha, incluindo um machado de bronze, esse tipo de machado estava sob responsabilidade do *Lictor*, cargo especial do Senado Romano, tinha como tarefa o atendimento e a proteção

dos magistrados, por sua vez é o único que poderia porta a Fasces. A partir da utilização do Fasces surge as palavras fascista e Fascismo.

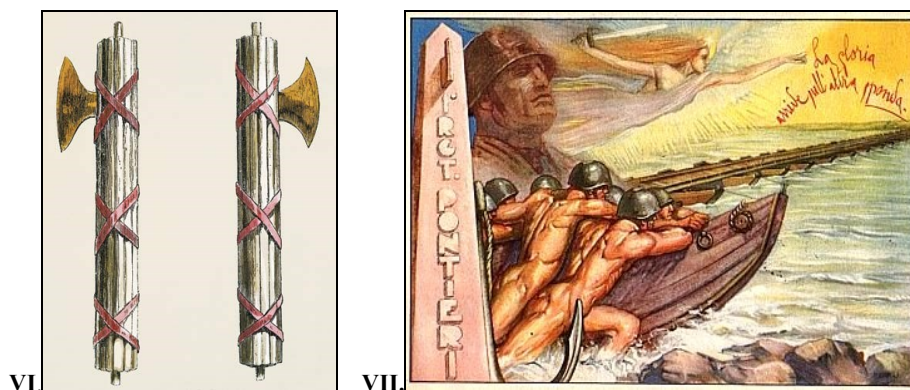


Figura VI: O Fasces, machado usado como símbolo do fascismo. **Figura VII:** Culto a personalidade de Mussolini e a beleza do corpo ao moldes da cultura Romano.

Na educação, como prática comum aos Estados totalitários, os manuais escolares vão ser revistos a partir da 1926, a História deverá nutrir em crianças e adolescentes o sentimento nacionalista, um culto a pessoa de Mussolini, insere-se assim, a leitura da Roma Imperial e dos Romanos sob o Regime.

“Os ideais fascistas, eram inculcados, primeiramente, nos jovens, pois considera-se que as crianças, antes de pertencerem às famílias, pertenciam ao Estado. Na Itália, a partir dos 4 anos, as crianças ingressavam nos ‘Filhos da Loba’ e usavam já uniforme; dos 8 aos 14 faziam parte dos ‘balillas’, aos 14 eram vanguardistas e aos 18 entravam nas Juventudes Fascistas”

(CARVALHO, 2007: 09-10).



Figura VIII: Cartaz de propaganda com a Loba do mito da fundação de Roma. **Figura IX:** Águia Romana, símbolo do império em cartaz de propaganda.

A Alemanha

É sob a égide ditatorial dos legados, que os grupos elaboram sua estabilidade e longevidade no poder, legitimando ou desautorizando grupos, práticas e políticas (SILVA, 2005: 41). Assim na Alemanha nazista, como ocorreu na época da queda do

Império Romano, o *Führer* funde a estética Clássica (greco-romana) com os elementos germânicos e nórdicos, a arquitetura, a propaganda e as representações do passado antigo e, sobretudo germânico, foram utilizados em sua totalidade. Hitler faz o apelo ao passado mitológico germânico, que teve papel importante nos jogos de afirmação e (re)afirmação do Nazismo, encarregada de exaltar os valores raciais arianos do novo Regime (SILVA, 2005: 57). A “Nova Alemanha” seria erguida com bases na cultura Germânica e Greco-Romana, guiadas pela ideologia nazista, Roma-Esparta-Atenas, seria o modelo ideal de estética e civilização, e somente os “puros” racialmente poderiam viver nesse novo mundo em construção.

No plano mitológico, o Nacional-Socialismo faz uma exaustiva releitura da mitologia Viking e Germânica, esse conjunto de valores folclóricos e mitológicos já era idealizado pelos próprios alemães desde o século XIX, pois desde a tempos o Romantismo alemão reanimava diversos elementos do passado antigo e medieval, por exemplo as Ordens dos Cavaleiros Teutônicos, o Sacro-Império, e o deuses e heróis da mitologia nórdica, com Odin, Thor e Siegfieg, próprio compositor Richard Wagner será um dos maiores representantes do apelo a mitologia ao compor sua famosa “*A Cavalgada da Valkírias*”, guerreiras nórdicas que serviam de mensageiras dos deuses. Diante disso, coube ao Führer e demais membros do Nacional-Socialismo resgatar os mitos presentes no imaginário alemão dando-lhe viés político-ideológico.

No campo militar, o imaginário Germânico e Viking foram amplamente utilizados nas frentes de batalha, as divisões militares e paramilitares alemãs eram nomeadas com nomes de guerreiros e deuses do folclore Germânico, essa valorização do espírito guerreiro é um traço muito forte na cultura dos germânicos como observa Ginzburg,

Na mitologia germânica pode-se individuar um elemento - a evolução em sentido militar - que distingue das outras mitologias do campo indo-europeu. Tal evolução pode se encontrar nas conotações guerreiras, além das reais e sacerdotais, assumidas pela figura de Odin

(1989: 184).

Os integrantes do corpo armado do partido nazista, as temíveis SS, entraram em combate nos campos de guerra com bravura e dedicação dos antigos guerreiros da mitologia germânica, obedecendo fanaticamente às ordens mais insanas de seus superiores. Entre os oficiais do exército alemão, a taxa de suicídio era muito elevada, essa prática nos meios militares demonstrava o desejo de morrer como os antigos guerreiros do folclore nórdico. Essa “militarização” da mitologia teria garantido o

renascimento dos mitos germânicos no decorrer do século XIX e XX, provocando sentimentos individuais e coletivos que tem todas as características do sagrado (GINZBURG, 1989: 184).



Figura X: Cartaz de propaganda nazista dos países Escandinavos, ao fundo da imagem se vê um barco típico dos antigos Vikings. Figura XI: Cartaz de propaganda nazista, soldado alemão e guerreiro nórdico aparecem como um só.

Considerações Finais

Este trabalho teve como pretensão inserir a discussão dos usos político-ideológicos da História Antiga e Medieval na França, Alemanha e Itália. Nesse contexto que permitiu pensar as apropriações do passado nos regimes autoritários deu margem para que se pensassem as apropriações do mundo antigo e medieval na contemporaneidade, principalmente no que diz respeito ao uso do folclore, da mitologia, da memória e dos sentimentos coletivos.

Vercingetórix e os gauleses estão muito presentes no imaginário do povo francês, bem a glória do Império Romano está para os italianos e as sagas dos heróis e deuses germânicos está para os alemães. Os usos e abusos desse passado representaram uma arma perigosa nas mãos dos que a serviço dos Estados totalitários tentaram impor o primado do estado sobre o indivíduo, alcançado a qualquer custo. Em nossa pesquisa tentamos também apontar um projeto um tanto ambicioso, o de mostrar a presença constante de elementos da Antigüidade e do Medievo na contemporaneidade.

Bibliografia

CARVALHO, Pedro Conceição. *O Nazismo e o Fascismo*. CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais. Universidade Lusófona: maio de 2007. Disponível em http://www.ciari.org/investigacao/O_Fascismo_e_o_Nazismo.pdf acesso em 12/07/2008 às 23:42 hs.

GINZBURG, Carlo. Mitologia Germânica e Nazismo: sobre um velho livro de Georges Dumézil. *IN: Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 181-206.

HERING, Fábio Adriano. *Helenismo e imperialismo: a imaginação histórica britânica e a construção moderna da Grécia antiga*. Unicamp (tese de doutorado) - Campinas, SP: 2006.

SILVA, Glaydson José da. *Antigüidade, Arqueologia e a França de Vichy: usos do passado*. Unicamp (tese de doutorado) - Campinas, SP: 2005.